



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

*ASSENTADOS E MUNÍCIPES: TENSÕES ENTRE NOVOS E ANTIGOS MORADORES NA  
REGIÃO ESTANCIEIRA DO RIO GRANDE DO SUL*

Francis Casagrande Zanella

franciszanella@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural / Universidade Federal de Santa Maria  
Brasil

Marcos Botton Piccin

marcospiccin@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural / Universidade Federal de Santa Maria  
Brasil



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### RESUMO

Neste trabalho objetiva-se compreender como se dá o processo de inserção de populações beneficiárias da política de assentamentos rurais na estrutura de posições sociais do município de Santa Margarida do Sul no estado do Rio Grande do Sul (Brasil). Esse município localiza-se em um espaço que, desde o final do século XVIII, se caracteriza pela ocupação e hegemonia dos senhores de terras, denominados de estancieiros. Esta pesquisa baseia-se em entrevistas com os beneficiários da política de assentamentos rurais e com os antigos moradores do município citado, além de observação direta em situações de convivência entre os grupos, como nas feiras. Note-se que as populações assentadas passam a ocupar de modo sistemático posições na região apenas em meados da década de 1980, sendo que no município isso se deu no ano de 2008. Partindo de uma condição migrante, marcada por embates no campo dos conflitos agrários, visualiza-se como os *assentados* adquirem uma posição *outsider* perante os antigos moradores, os *munícipes*. Estabelece-se um conjunto de relações determinado pelas assimetrias de poder e coesão entre o grupo identificado enquanto antigos moradores e o grupo dos novos entrantes assentados. De modo a complexificar a compreensão das condições e posições sociais, propõe-se aqui construir uma análise da dualidade *assentados* e *munícipes* dentro de duas temporalidades. Primeiramente, uma análise de perspectiva estática, na qual os assentados e os munícipes se percebem enquanto grupos com relativa homogeneidade interna, caracterizando um momento inicial do processo de assentamento rural em que as posições são estanques. Nesse sentido, objetivam-se as significações construídas nos momentos tensos de disputas no campo de conflitos agrários, caracterizadores de um período no qual a condição de *sem terras* e *munícipes* é de grupos em oposição. Em um segundo momento, para além de uma análise de posições estáticas entre grupos, procura-se entender quais são os agentes e objetivos em jogo quando se dão aproximações entre eles. Visualizam-se redes de relações de cunho econômico e político que se constroem a partir do ingresso de assentados em diferentes espaços de sociabilidade e campos de disputa, como o poder público municipal. Conforme os assentados demonstram diferentes propriedades, e que estas passam a ser reconhecidas e legitimadas ou deslegitimadas, abre-se uma nova condição onde *assentados* e *munícipes* se



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

constituem enquanto grupos em diferenciação. Em outras palavras, passado um período inicial de implantação do assentamento rural, a relação entre assentados e munícipes pode ser entendida por complexas redes de relações, onde noções generalizantes como “oposição” ou “integração” não dão conta da diversidade de situações.

### **ABSTRACT**

The present work analyzes how happens the process of insertion of beneficiary populations of the rural settlements policy in the structure of social positions of the municipality of Santa Margarida do Sul in the state of Rio Grande do Sul (Brazil). This municipality is located in a space that, since the end of the eighteenth century, is characterized by the occupation and hegemony by landlords called ranchers. This research is based on interviews with beneficiaries of the policy of rural settlements and with the former residents of the municipality, besides direct observation in situations of coexistence with each one of these groups. It is observed that settler populations began to systematically occupy positions in the region only in the mid-80s, and in the municipality this occurred in the year 2008. Starting from a migrant condition, marked by clashes in the field of agrarian conflicts, it is visualized how the settlers acquire an outsider position in relation with the former residents, the here called citizens. It establishes a set of relations determined by the asymmetries of power and cohesion between the group identified as former residents and the group of new entrants settlers. In a complexing way of the understanding of social conditions and positions, it is proposed here to construct an analysis of the duality settlers/citizens within two temporalities. Firstly, a static perspective analysis, in which the arrival of the landless in front of the citizens generated a perception of groups with relative internal homogeneity, characterizing an initial moment of the process of rural settlement in which the positions are tight. In this sense, the meanings constructed in the tense moments of disputes in the field of agrarian conflicts are objectified, moments that characterized a period where the condition of citizens and landless is of groups in opposition. In a second moment, in addition to an analysis of static positions between groups, we try to understand what are the agents and objectives at play when approximations are made. Networks of economic and political relationships are visualized, which are built from the



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

entry of settlers into different networks of sociability, such as the Municipal Public Power. As the settlers show different competences, and these become recognized and legitimized or delegitimized, a new condition opens up where settlers and citizens are constituted as groups in differentiation. In other words, after an initial period of installation of the rural settlement, the relationship between settlers and citizens can be understood by complex networks of relations, where generalizing notions such as 'aversion' or 'integration' do not account for the diversity of situations.

**Palavras-chave**

Assentamentos rurais; sem-terra; reforma agrária;

**Keywords**

Rural settlements; landless; land reform



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### I. Introducción

O objetivo colocado neste trabalho é o de compreender como se dá o processo de inserção de populações beneficiárias da política de assentamentos rurais na configuração social estabelecida pelo processo de assentamento rural no município de Santa Margarida do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil<sup>12</sup>. É objeto de atenção a forma de vinculação que se estabelece com os agentes socializados no município, os que aqui serão chamados como *municípios*. Destaca-se que as dualidades *sem-terra* e *municípios* ou *assentados* e *municípios*, aqui utilizadas como modelo de análise, tendem a ocultar certa diversidade interna das condições sociais de cada uma dessas categorias. Porém, para o momento, o intuito é fazer uso da dualidade enquanto ferramenta heurística, a fim de desvendar particularidades do processo social que envolve tais grupos e tende a hierarquizar os indivíduos em termos de relações de poder.

Supõe-se que os agentes que aqui denominamos como *municípios* estão dotados de condições para avaliar a presença e as formas de agir dos assentados conforme longos processos de socialização no espaço social estancieiro. A chegada dos assentados através das estratégias de *luta* e *conquista* da terra tende a colocar em suspensão os modos como, tradicionalmente, os municípios estavam habituados a legitimar o acesso à posse e uso da terra. Nesse sentido, considera-se que não só os enfrentamentos entre os *produtores rurais* e os *sem-terra* são geradores de estigmas, mas as diferenciadas visões de mundo incorporadas no conjunto de posições sociais interdependentes do espaço estancieiro tendem a conformar marcas de baixo prestígio social aos assentados. Com isso, baseado no estudo de Elias e Scotson (2000) sobre a segregação social transcorrida em um bairro de

---

<sup>1</sup> Este trabalho contempla uma parcela das análises presentes na dissertação de mestrado intitulada “Entre estigmas e distinções: a estruturação das posições sociais de sem-terra e assentados na região estancieira do Rio Grande do Sul” apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>2</sup> Este estudo teve como principal espaço de reflexão e trabalho de campo o município de Santa Margarida do Sul, RS, localizado na chamada região da Campanha no estado, o qual pode ser considerado como um pequeno município em termos populacionais, já que possui aproximadamente 2 mil habitantes. Em 2008 se inicia no município a implementação do processo de assentamento rural denominado Novo Horizonte II, o qual se dá em meio a um cenário polarizado de disputas no campo dos conflitos agrários no RS, com foco na região da Campanha e centralidade de tensões no município de São Gabriel, RS (município vizinho).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

trabalhadores ingleses na década de 1950, pode-se dizer que se constitui uma típica configuração onde há grupos ‘estabelecidos e *outsiders*’ bem demarcados, em que a antiguidade de um processo de socialização grupal confere sentimento de superioridade frente a novos ingressantes que não portam o mesmo estoque de disposições, relações e lembranças.

Procura-se, em um primeiro momento, compreender como se forjaram as interdependências entre antigos e novos moradores conforme se deu o ingresso dos *sem-terra* enquanto novos agentes no convívio em um pequeno município na *região estancieira*. A partir das representações de *municipes* sobre o período de chegadas das famílias assentadas procurou-se perceber em que medida os estigmas dos *sem-terra* mediaram as relações entre os grupos. Em um segundo momento a intenção é perceber em que medida se operou uma diferenciação dos assentados quando vistos à luz da posse de distintas espécies e volumes de capitais perante os antigos moradores do entorno do assentamento.

A elaboração deste trabalho foi baseada, principalmente, em entrevistas com *municipes*, tendo em vista os que ocupavam as posições de agentes do serviço público, comerciantes e outros antigos moradores. Entrevistas com *assentados* também são acionadas na medida em que permitem acumular elementos para reflexão do conjunto de significações em jogo. Procurou-se enfatizar as condições de produção de significados pelo grupo socializado no espaço social que abarcou o assentamento como novidade.

## II. As tensões entre novos e antigos moradores

Durante o processo de tensionamento das mobilizações de *sem-terra* e *produtores rurais* entre 2001 e 2008 na região estancieira, duas tendências anexas foram estruturantes para a construção de um estereótipo dos *sem-terra* em mentes *municipes*. Por um lado recorreu-se à explicitação da identificação como antigos moradores, em uma crescente afirmação como um grupo coeso, onde se reforça a ideia de existência de um “nós”, ou seja, a unidade como antigos moradores que supera desavenças internas quando se trata de se diferenciar dos *sem-terra*. Por outro lado, e, adicionalmente, o processo de aglutinação como grupo coeso teve como consequência a



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

construção de estigmas que marcam os novos ocupantes de posições no espaço social. Delimitaram-se marcas distintivas de baixo prestígio social aos assentados de modo a afirmar as próprias características positivadas. Com isso se quer dizer que o processo de diferenciação entre estabelecidos e *outsiders*, tal como proposto por Elias e Scotson (2000), assumiu um formato bem demarcado neste espaço social. A seguir apresentam-se algumas declarações de exaltação do que os *municipes* entendem como qualidades positivas de Santa Margarida do Sul:

Pessoal aqui é tudo gente simples, mas **gente boa** [risos]. Muito boa em Santa Margarida. **Não tem violência**, graças a deus. Muito **bom de se viver** aqui, bah. Aqui, por morar na beira de uma faixa [rodovia federal], ainda mora num **paraíso** (Maristela<sup>3</sup>, comerciante; entrevista concedida em 07 de junho de 2016).

**Mas aqui é muito bom**, acho que o pessoal que vem pra cá não vai embora mais [refere-se aos assentados]. **É muito desenvolvida nossa região** aqui, todas microrregiões têm seu time de futebol, tem seus PTGs [Piquete de Tradições Gaúchas], seus CTG [Centro de Tradições Gaúchas], em termos de tradição. [...] E a gente gosta, **tradicionalismo é lugar sadio e forte**. (Miguel, descendente de *médio proprietário*, presidente de associação; entrevista concedida em 04 de julho de 2016)

Temos uma saúde, pra mim **uma das melhores**, regionalmente não tem igual. Uma educação fora de série [...] Já tinha saúde **de primeiro mundo** e queríamos educação também (Maurício, membro do Poder Público Municipal de Santa Margarida do Sul; entrevista concedida em 02 de junho de 2016).

Aqui se denotam algumas características exaltadas, sendo que os agentes têm em comum as trajetórias no espaço estancieiro, gostos pela tradição institucionalizada, satisfação com serviços públicos, desejos para o futuro de seus filhos, enfim, um conjunto de elementos conhecidos e qualificados como válidos entre semelhantes. Os moradores se sentiam dotados de disposições sociais legitimadas para ocupar aquele espaço e não tinham maiores preocupações com a estabilidade das condições de reprodução de seus sucessores. Elias e Scotson (2000) aportam nesse sentido, na medida em que as afirmações do ideal de nós e da coesão grupal do grupo estabelecido se baseiam na generalização das *melhores* características, enquanto a desqualificação do grupo estranho ou *outsider* parte da generalização das *piores* características, as quais se transformam em ‘marcas de inferioridade’. Seguem algumas declarações de *municipes* tidas como lembranças do período de chegada dos assentados:

---

<sup>3</sup> São fictícios todos os nomes usados neste trabalho a fim de designar interlocutores do trabalho de campo.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Eu era muito pequena, mas **ainda lembro de muitas coisas**. Quando falaram que os assentamentos viriam pra nossa região aqui Santa Margarida e São Gabriel teve uma... os, os pecuaristas fizeram um acampamento aqui [...] não queriam deixar, teve todo aquele confronto, aquela briga. Logo em seguida veio pra Santa Margarida e **toda comunidade** ficou apavorada: “nossa, o assentamento **vai vir pra dentro de Santa Margarida!**”, porque é dentro do perímetro urbano né. “Como é que a gente vai viver?”, “agora ninguém mais vai poder sair de casa”. Porque tem aquela visão né: “ah, porque vai aumentar os **roubos**”, tudo de ruim é neles. Aí, “ah a gente não vai ter mais paz!”, “como é que a gente vai sair e deixar nossas casas?”, “não vai dar mais pra viajar”, “não vai dar pra viver em paz, como é que vamos conviver todos juntos?”, porque **a gente não sabe de onde eles vieram**. Era todo mundo perplexo assim com a história [...] **agora todo mundo convive em harmonia**, desde o início sabe, se apaziguaram (Maiara, funcionária da Prefeitura; entrevista concedida em 03 de junho de 2016).

**Eu estou me abrindo contigo** o que eu acho, assim, tipo, hoje... **todo mundo se conhecia aqui**, daí aqui a pouco **vem um pessoal de fora, estranho, envergonhado** pela situação que estava de **lona, pobreza, sujeira** e falta de condições de banho, alimentação e coisa, e se **misturar com os nossos**. Foi bem uma coisa assim. Aí deles mesmo existia um certo **repúdio** assim de início, queriam uma escola deles, coisas assim. Mas **hoje já estão bem, se integrando melhor** (Michel, comerciante; entrevista concedida em 07 de junho de 2016).

No início era assim olha, que eles iriam terminar com a **nossa cidade**, que era o sem-terra que a gente chamava, **não chamava de assentados**. Até a gente. **Eu estou te falando abertamente aqui**, não é “coisas”, assim. **A gente chamava sem-terra** (Manuela, professora; entrevista concedida em 15 de junho de 2016).

Conforme os episódios do embate se desenrolavam, são nítidos os elementos de agregação do grupo antigo, expressos em termos como “nossa região”, “nossa cidade”, “toda comunidade”, “todo mundo”, “a gente”, “os nossos”, o que vem a reforçar o apego à estrutura de relações em que os agentes foram socializados. Note-se que descendentes de categorias como a de *migrantes* descendentes de imigrantes europeus não-ibéricos, os quais ali ocuparam no passado uma condição de novos ingressantes, atualmente se utilizam do mesmo sentimento de grupo para se referir aos *assentados*. O uso recorrente do pronome “nós” (Elias, 1980) é o principal indicativo de ponto de referência seguro no grupo. Ao mesmo tempo se forjou o baixo prestígio aos *sem-terra*, onde o receio foi se construindo a partir das tensões na “briga” com os “pecuaristas” e se materializou com a ideia de “sujeira”. Palavras como “roubos”, “estranho”, “lona”, “pobreza” e “sujeira” fazem menção ao risco percebido em se “misturar”. O fato de os *sem-terra* chegarem “pra dentro” de Santa Margarida foi elemento agravante das incertezas, no sentido de que poderiam “acabar” com a cidade, ou seja, colocar em jogo a manutenção de certo estado das posições e da distribuição dos



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

recursos. A professora reconhece um posicionamento de contrariedade que vinha de setores como o escolar, onde a forma como se usava o termo *sem-terra* é reconhecida como algo a deixar para o passado.

O modo como se deu a *luta* dos *sem-terra*, através de *ocupações* e de *acampamentos*, e, especialmente, como ela foi vivenciada de modo indireto pelos munícipes, parece ter impregnado de imagens negativas a ideia que se fez deles como *outsiders*. Processo similar foi identificado por Moura (2010) no sul do Espírito Santo, onde os moradores da cidade associaram a imagem dos acampamentos de *lonas* de *sem-terra*, dispostos nas margens de rodovias, com os estigmas de ‘baderneiros’ e ‘invasores’, o que se constituiu em símbolo da aversão e da desconfiança com os assentados. Tanto nesse caso citado como em Santa Margarida do Sul, a ideia de que os assentados são formados por “estranhos” e que “não se sabe de onde vieram” é fator levantado para justificar uma distinção. Nesse sentido, se conforma um estereótipo de como os *sem-terra* se pareceriam visualmente, ou seja, há uma imagem associada às *lonas* e a uma condição de restrições econômicas, lembrada pela noção de *sujeira*. A chegada dos *sem-terra* e o seu posicionamento como *assentados* no espaço físico, relativamente próximos da sede municipal, gerou a convivência direta com as imagens das *lonas* e da *pobreza* e sua carga de estigmas. As primeiras moradias de *lona* dos assentados se constituem no entendimento de um ‘risco de contaminação’ da relação comunitária positivada pelos munícipes como um lugar onde “todo mundo se conhecia”. Tal estereótipo dos *sem-terra* é construído desde uma vinculação tensa, forjada nas disputas do campo dos conflitos agrários (Da Ros, 2006), e acaba impondo estigmas ao conjunto daqueles identificados pela categoria.

Porém, os agentes sociais identificados em torno da denominação *sem-terra* vivenciaram processo de aproximação ao se designar como grupo de modo comparável ao ocorrido com os munícipes. Características positivas do grupo são reforçadas enquanto se relativizam as negativas. Nisso, a noção de *sem-terra* pode ser ativada de modo a reivindicar reconhecimento. Seu uso situa-se entre a resignação pelo estigma e a afirmação pela *luta*, tendo em vista que emerge de um grupo com processo relativamente mais curto de socialização e na posição *outsider*. Para Elias e Scotson (2000, p. 24) o discurso que parte dos estabelecidos como grupo mais poderoso tende a “penetrar na



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

auto-imagem” dos *outsiders* e enfraquecer sua capacidade de reação. Ou seja, seu grau de retaliação é relativamente restrito frente ao grau de afirmação dos munícipes como grupo estabelecido. Seguem-se algumas expressões de retaliação e de resignação dos *sem-terra*:

Pessoal [município] **estava refugando nós** nos primeiros dias. Lembro que no ônibus né, quantas vezes eu escutava os caras focando, **falando mal de nós**, sabe. Daí um dia eu sentei do lado de uma mulher, e ela nem olhava pra minha cara, e eu bem tranquilo assim, e ela desconfiada comigo. Aí ela não se aguentou: “você é ali que está morando na fazenda do finado [estancieiro]?”. **Nem chamou de assentamento** né. Eu disse “estou, sou assentado ali”. Já começou me especular na estrada de lá pra cá, fez umas mil perguntas. E como é, e coisa, eu falei: “**o nosso pessoal são tudo gente como vocês**”. Digo: “**só somos sem-terra porque somos sem-terra mesmo**, não tinha terra, e não temos. Nós temos uma concessão de uso do Incra”. Entende? Porque agora, **atualmente, a gente diz que é sem-terra**. Os caras dizem que não, que nós temos terra. Eu digo não, sou sem-terra sim, estou numa concessão de uso. Eu vou ser sem-terra sempre. Só foi concedido pra usar. [...] Eles [munícipes] acham que a vida do sem-terra é outra, eles acham que o cara é como um bicho. **Eles olham na TV o sem-terra ocupando fazenda e sai muita coisa distorcida, que o cara é baderneiro**. Mas isso [baderneiro] **tem em toda parte!** [...] Tu nunca vai reunir um grupão de gente e vai ser tudo da melhor qualidade. (César, *assentado*; entrevista concedida em 21 de junho de 2016).

Porque vi muitas mães daqui dentro [assentamento] que **não foram dar a cara à tapa**. Elas [algumas professoras] humilhavam [filhos de assentados], mas daí: “ah, vamos ali na secretaria, vou te dar um casquinho”. Aí [as mães] não transferiam [os filhos] da escola. O filho está sendo humilhado, mas tu ganha um casaco, uma calça, entendeu? Tipo **pra manter quieta** [...] (Renata, *assentada*; entrevista concedida em 28 de junho de 2016).

Em oposição à classificação negativa de categorias como *sujeira* e *baderna*, é notável que a condição de *sem-terra* não só é correlata às privações materiais dos acampados bem como é positivada no âmbito das mobilizações, de modo a constituir elemento afirmativo da *luta* pela terra. As privações materiais não são vivenciadas unicamente como sinais de vergonha, mas se tornam símbolos de afirmação, de ser “gente como vocês”. Nesse sentido, se torna efetiva a diferença de disposições sociais entre assentados e munícipes, em que uma condição objetivada de *sujeira* é reconhecida como estigma, por um lado, e sinal de orgulho, por outro. Em outras palavras, as regras de jogo não são totalmente equivalentes entre os espaços sociais, já que se atribui valor diferente aos capitais acumulados na *luta*. Por outro lado, isso não quer dizer que certas parcelas de assentados não se sintam atingidos e resignados pelos estigmas em outras situações. O relato de inconformidade de uma mãe assentada que reagiu a uma situação que considerou inaceitável e



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

recorrente de relação professor-aluno na escola demonstra o balanço entre resignação e retaliação. “Dar a cara a tapa” exige uma situação de enfrentamento, enquanto se “manter quieta” pode gerar o acesso restringido a certas benesses. Os diferenciais de poder e de acesso a recursos pesam negativamente aos assentados nesse tipo de situação, o que também foi percebido por Ferrante (2003) como determinante para reproduzir uma ‘cultura da dádiva’ no processo inicial de estruturação de assentamentos de Araraquara, SP.

Passado um período inicial de tensões mais acirradas, a relação entre assentados e munícipes carrega elementos de diferenciação que ainda vão se expressar na linguagem. Enquanto que a denominação *sem-terra* continua carregada de elementos depreciativos, a denominação *assentados* se coloca em um patamar mais positivo. Seguem algumas declarações de modo a exemplificar os usos e desusos das denominações *assentados* e *sem-terras*:

Toda essa parte aí dos sem-terra, dos assentados, **não sei como que chamam**, era do campo do Seu [estancieiro] [...]. (Margarida, *moradora*; entrevista concedida em 28 de junho de 2016).

Aí primeira coisa **quando querem te ofender é: “ô sem-terra!”**, “ô pobre!”, ô isso e aquilo. (Roberto, *assentado*; entrevista concedida em 29 de junho de 2016).

Mas o **sem-terra hoje tem mais terra do que eu**, porque eu não tenho terra. Eu moro dentro de uma propriedade que é do meu pai, que é assim que a gente fez uma casa e tudo. (Manuela, *professora*; entrevista concedida em 15 de junho de 2016).

Partindo dessas declarações de *munícipes* como exemplificação, visualiza-se que a situação do uso da denominação *sem-terra* pode ser permeada por certo desconforto, “não sei como que chamam”. Em outros casos, tende a ser usada enquanto ofensa ou xingamento. Já a denominação *assentados* se expressa em situações relativamente mais harmônicas de menção ao grupo. Enquanto a primeira era preferencialmente evitada em frente ao pesquisador, a segunda se mostrava como ajustada para uma relação formal. Ainda na relação de munícipes com o pesquisador, em específico, a denominação *sem-terra* foi usada, certas vezes, em *brincadeiras*<sup>4</sup>, como nas entrevistas com a professora e com um representante de cooperativa, onde ambos afirmaram, de modo similar, que

<sup>4</sup> Comerford (1999, p. 81-92) toma como objeto de estudo o uso da categoria nativa *brincadeiras* (piadas, charadas, etc.) enquanto forma de relação entre assentados, na medida em que a objetivação de seu uso ‘contextual e estratégico’ permite situar relações de poder, posições de enunciação e disputas simbólicas entre agentes diferentemente situados no espaço social. Portanto, quando aqui usado, o sentido do termo será baseado no estudo desse autor.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

“os sem-terra hoje tem mais terra do que eu!”. Ou seja, permanece certo nível de tensão no uso das palavras, visto que são estrategicamente selecionadas para usos específicos em situações propositalmente redutoras de tensões, como nas formalidades e brincadeiras. Já no caso de um dos assentados entrevistados, o qual explicitou a permanência de tensões no uso do termo, a denominação *sem-terra* teria o mesmo peso de outras denominações depreciativas direcionadas a outros grupos desprestigiados. Para ele, quando alguém quer “ofender” um assentado, logo lhe chama de “sem-terra!”.

### III. A emergência de novos elementos de significação

Com o ponto de partida da relação de oposição entre *sem-terra* e *munícipes*, a intenção é de ir além da relação estática entre grupos estabelecidos e *outsiders* para compreender como a condição e posição social de *assentados* pode se diferenciar e galgar possibilidades de (des) legitimação frente a diferentes frações de *munícipes*. Dentro dessa perspectiva, procura-se visualizar diferenciações nas formas de conceber a presença dos assentados sob diferentes condições de vinculação, de modo a perceber outros conjuntos de objetivações dos agentes que não os restritos à dualidade de posições *assentados* e *munícipes*.

Nesse sentido, vem ao caso entender, a partir das categorias utilizadas na fala de *munícipes*, quais são as propriedades (ou capitais) visualizadas em conjuntos de assentados que os alçam a *status* diferenciados. E ainda, tentar entender por que aquelas e não outras propriedades são percebidas ou explicitadas conforme as posições sociais de quem as referencia. Em outras palavras, visualiza-se que parcelas de assentados tornam-se visíveis para quais parcelas de *munícipes* e quais as condições para que isso aconteça. Portanto, a análise que se pretende colocar é uma identificação das propriedades *visíveis* para agentes socializados no espaço estancieiro. Na medida em que se constituem propriedades classificáveis, são usadas para definir o que é bem ou mal visto, ou o que é assentado “bom” ou “ruim”, ou ainda, para diferenciar assentados que “deram certo” e que “não deram certo”.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

No trabalho de campo em Santa Margarida do Sul percebeu-se que a legitimação dos assentados pelos munícipes está envolta em ambiguidades. Partindo de um nível geral das qualificações, foi praticamente consenso que os assentados estão hoje “integrados” e em “paz” com os antigos moradores. Por outro lado, também foi recorrente a menção de algumas características entendidas como negativas. Nem sempre tais características eram direcionadas ao conjunto de assentados, mas sempre identificavam uma parcela causadora de desconforto. Ou seja, entre os munícipes, a palavra *assentados* é ambígua, necessita de explicações adicionais para ser corretamente expressa com base na existência de imagens díspares acerca do grupo. Pode-se apreender valorações distintas para a categoria a partir de algumas declarações:

[...] **quase 90% das nossas cestas básicas** são entregues no Novo Horizonte, pra você ter uma ideia [...] **Têm pessoas trabalhadoras** né, pessoas que se destacam no Novo Horizonte, tiradores de leite, pessoas que plantam, que produzem, mas também têm pessoas que precisam de atendimento, são muito **carentes** (Secretária no Poder Público Municipal).

Acho que eles vão começar produzir. **Quem for, quem gostar**. Mesma coisa que sala de aula, quem não gosta vai fazer um trabalho do jeito que vai andar. [...] Mas aí tu olha **casinhas pintadinhas**: os que tiverem **vontade** eles vão ir para **frente**. Eles vão ter que **começar a produzir** né, é o que eu acho. [...] eu acho que eles vão ter um futuro bem próspero, eu acho, se o tempo ajudar, se os projetos e planos de governo vierem né (Professora na escola A).

Esses dias eu estava comentando que eu tenho que ir no assentamento visitar, porque **eu não conheço essa realidade deles**, de cada um. Mas pelo que percebo, observo, é bem precário, bem pobre em todos os sentidos. [...] eu tenho que fazer esse trabalho, ver aquilo que eles estão se **diferenciando** [diferenças entre os filhos de assentados] dos outros, **alguma coisa está acontecendo lá** (Professora na escola B).

[...] para nós era novidade, **a gente não via** uma criança chegar aqui na escola e dizer “não comi hoje”. [...] também tem crianças que **o pai está preso**, que também não era realidade nossa, né, coisas que foram chegando junto. Mas assim, **no geral, as crianças em si tu não vê diferença** “ah, essa criança é mais ou menos porque está no assentamento” (Outra Professora na escola A).

O pessoal do assentamento é **muito evangélico** né, bastante evangélico. **Tem também a parte católica** que, se não me engano, tem pastoral da criança. É lá na sede [do assentamento], eles pesam e fazem as coisas, não sei se está ativo. **Bem jóia né, [...] mas são bem religiosos** (Funcionária na Prefeitura Municipal).

Percebe-se, nessas falas, a dificuldade em tratar dos assentados como uma coisa só. E, de fato, a diversidade dos assentamentos rurais é um fator reconhecido na literatura especializada. Mas



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

é com as ambiguidades que acaba se forjando o entendimento nativo sobre a categoria assentados. Não surge uma categoria nova de designação, mas emergem elementos descritivos, “normais” e “estranhos”: quando se apontam características pretensamente negativas, como a demanda de “cestas básicas”, remedia-se a frase citando as “pessoas trabalhadoras”; quando se comenta que crianças “passam fome” e têm parente “preso”, remedia-se pela média onde não se vê “diferença” quanto ao que é tido como normal; quando se afirma como algo negativo que são “muito evangélicos”, logo se contrabalança com a presença de fiéis da igreja católica que conduzem a pastoral da criança, mesmo sem saber se a mesma funciona. A professora demonstra um desconforto por não conhecer cada família antes de tirar algum julgamento precipitado sobre rendimentos escolares díspares entre alunos, mas reconhece que tem “alguma coisa acontecendo lá”. Outra professora aposta na prosperidade dos assentados, mas demonstra incertezas e distinções quando reconhece que alguns “vão produzir” porque “gostam” ou tem “vontade”. Em outras palavras, a memória latente dos estigmas dos *sem-terra* permanece enquanto dissimulada na descrição da diversidade dos *assentados*. *Assentados* não são mais vistos tais quais eram como *sem-terra*, mas não se livram totalmente de algumas marcas que permanecem como relativas ao baixo prestígio, enquanto também se imbuem de marcas positivas.

Considera-se que outro fator central de legitimação das famílias assentadas é o quanto conseguem tornar explícito em seus lotes a instalação de um padrão “bonito” ou demonstrativo de “trabalho”. Estes elementos expressos, visíveis para quem “visita” o assentamento, são tomados como maiores provas da diferenciação e existência de assentados legítimos e ilegítimos. As famílias que “plantam” e “tiram leite”, que tem um lote *ajeitado* e que construíram as “casinhas pintadinhas” angariam um *status* de legitimidade como “pessoas trabalhadoras” que “vão produzir” e “vão prosperar”. Já aqueles que pouco ou nada modificaram os lotes para implementar estratégias produtivas, os que não constituíram casas sem ser as de lona ou madeira, ou seja, que apresentem privações materiais visíveis, carregam uma condição visualizada como de *sujeira*, são vistos como aqueles que “não trabalham”, são “carentes”, “sem vontade” ou “que não se ajudam”. Nesse sentido, as “cestas básicas” ou mesmo a “bolsa família” são articulados como marcas de *pobreza* e



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de baixo prestígio. Nesse sentido, ganha evidência a diferenciação pelos capitais objetivados na organização estética e produtiva dos lotes.

### IV. Algumas considerações

Um dos aspectos visíveis no primeiro conjunto de declarações dos *munícipes* trazidas para o texto é que a atribuição de estigmas aos assentados articula-se discursivamente como memória, ou seja, acontecimento do passado, restrito ao “início”, das quais “ainda lembra-se de algumas coisas”. Nesse sentido, falar da relação atual entre assentados e munícipes parece sempre evocar alguma afirmação de “harmonia”, “paz”, “respeito” e “integração”. Aquele alto nível de tensão inicial realmente parece controlado após oito anos de chegada dos *sem-terra*. A ideia de que a presença daqueles que seriam “estranhos” exigiria o “fim” de Santa Margarida parece distante. Qualitativamente, evidencia-se uma redução dos níveis de tensão entre os grupos que estavam praticamente ‘em pé de guerra’. No caso-gabarito de Winston Parva, estudado por Elias e Scotson (2000), a chegada dos ‘de fora’ a partir de um loteamento anexo a um antigo bairro de trabalhadores ingleses foi tão rápida quanto a instalação do assentamento nas adjacências da sede municipal e de pequenas localidades de Santa Margarida do Sul. No entanto, naquele caso os estigmas foram construídos conforme elementos progressivamente pinçados das ‘piores’ características ou situações encontradas nos crescentes contatos entre os grupos. Já no caso dos assentamentos rurais na *região estancieira* do RS, há um processo prévio de acúmulo de tensões e formação de estereótipo negativo que é determinado pelos conflitos nas disputas pela política agrária que antecedem a implantação de assentamentos. Essa carga de preconceitos conduz ao erguimento de fortes barreiras frente ao ingresso dos *sem-terra*, mesmo antes dos primeiros contatos entre novos e antigos moradores de uma localidade receptora de assentamentos rurais.

Enquanto que em Winston Parva a distinção de grupos decorre do acúmulo de estigmas principalmente após a chegada dos ‘de fora’, o que se percebeu em Santa Margarida do Sul é que ocorreu uma redução relativa de tensões desde a chegada dos “estranhos” até se atingir um novo patamar, ainda distintivo. Em outras palavras, o posicionamento dos *sem-terra* no espaço social



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

passou por uma reconfiguração relativa desde seu ingresso. Existem espaços sociais relativamente autônomos – o assentamento e o município – em que os grupos identificados como assentados e munícipes hegemonomizam, separadamente, as principais posições e capitais legítimos. Em outras palavras, existem disposições sociais acumuladas em processos de socialização diferentes que vão constituir posições legítimas no assentamento e no município. Nesse sentido, a posição *outsider* perante a estrutura de posições sociais dos munícipes é uma condição tanto de *sem-terra* como de *assentados* em função das condições de formação dos grupos. Ressalta-se que a ocupação de espaços físicos próximos não se constitui em uma integração automática de espaços sociais e de assimilação dos *habitus*. Tal proximidade não pode ser naturalmente assimilada como tendência linear de redução das diferenças, ou o que Bourdieu (2013) chamou de ‘dessegregação’. Nesse sentido, Rosa (2000) visualizou que nas ‘situações sociais’ originadas no embate entre beneficiários da política de assentamentos rurais e “comunidades políticas anteriormente estruturadas” decorre uma tendência de redimensionamento das “percepções de direitos e conseqüentemente de pertencimento” (p. 208) para ambos os grupos implicados. Nesse sentido, consideramos que a lenta mudança no patamar das tensões entre um período de *sem-terra* e *munícipes* para um de *assentados* e *munícipes* se torna importante objeto de reflexão em estudos sobre assentamentos rurais, a fim de entender como se constroem certas redes de relações entre os grupos e como se dão ou não certos redimensionamento dos diferenciais de poder.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## **V. Bibliografía**

Bourdieu, Pierre (2013). Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. *Estudos Avançados*, São Paulo, 27, 79, 133-144.

Comerford, John Cunha (1999). *Fazendo a Luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará.

Da Ros, Cesar Augusto (2006). *As políticas agrárias durante o governo Olívio Dutra e os embates sociais em torno da questão agrária gaúcha (1999-2002)* (Tese de Doutorado, CPDA/UFRRJ, 2006) 477 p.

Elias, Norbert; Scotson, John. L. (2000) *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Elias, Norbert (1980). *Introdução à sociologia*. Braga (Portugal): Editora Pax/Edições 70.

Ferrante, Vera Lúcia S. Botta (2003). Assentamentos rurais: entre a cultura da dádiva e novas perspectivas de participação. *XI Congresso Brasileiro de Sociologia*. Disponível em: <[www.sbsociologia.com.br/portal/index.php%3Foption%3Dcom\\_docman%26task%3Ddoc\\_download%26gid%3D846%26Itemid%3D170+&cd=1&hl=ptBR&ct=clnk&gl=b](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php%3Foption%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D846%26Itemid%3D170+&cd=1&hl=ptBR&ct=clnk&gl=b)>. Acesso em: 08 jun. 2017.

Moura, Roseni Aparecida de (2010). *"Imagem de nós": relações de estabelecidos e outsiders entre população urbana e assentados de reforma agrária do sul do Espírito Santo* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa, 2010). 103 f.

Piccin, Marcos Botton (2012). *Os senhores da terra e da guerra do Rio Grande do Sul: um estudo sobre as estratégias de reprodução social do patronato rural estancieiro* (Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2012) 457 p.

Rosa, Marcelo Carvalho (2000). Assentados e munícipes: o conflito entre beneficiários e população local na reforma agrária brasileira. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 57/58, 207-229.